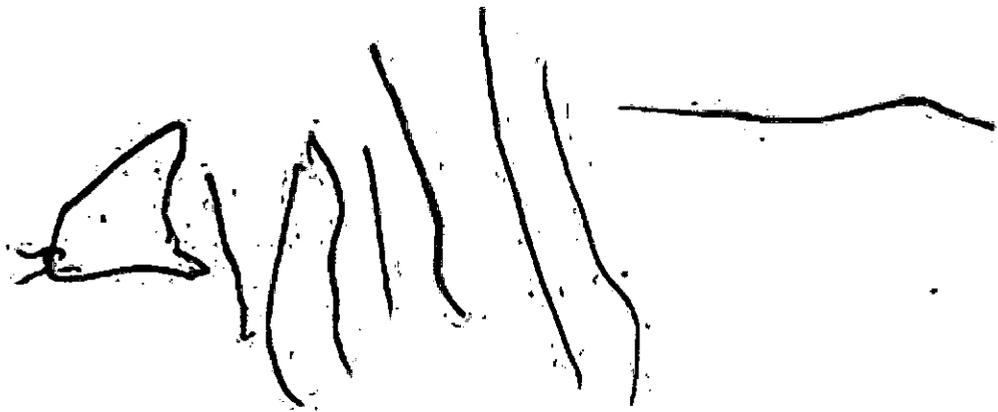


**VANESSA PASSOS DA SILVA**

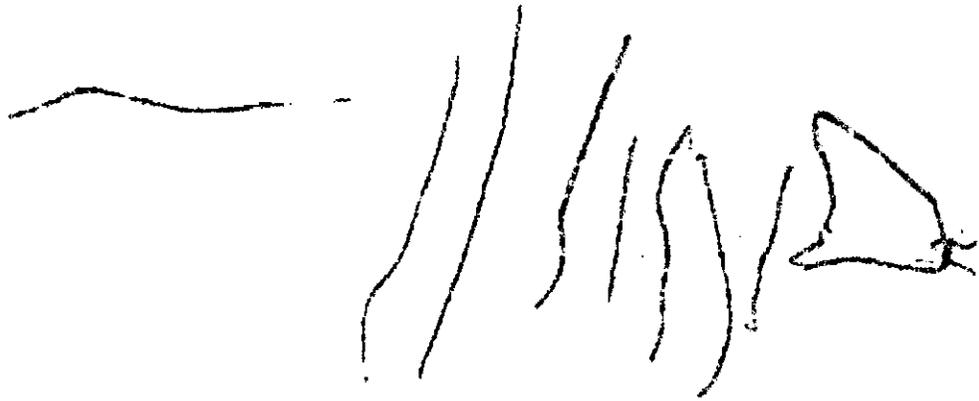
**“UM TIGRE, DOIS TIGRES, TRÊS TIGRES”  
A PLURALIDADE DO AFETO**



**RIO DE JANEIRO  
2005**

VANESSA PASSOS DA SILVA

"UM TIGRE, DOIS TIGRES, TRÊS TIGRES"  
A PLURALIDADE NO AFETIVO

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'Vanessa', written in a cursive style.

2005  
RIO DE JANEIRO

**Vanessa Passos da Silva**

**“UM TIGRE, DOIS TIGRES, TRÊS TIGRES”  
A PLURALIDADE DO AFETO**

Monografia a ser apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro com requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia – habilitação em Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação Especial, orientado pela professora Sandra Albernaz de Medeiros.

**Rio de Janeiro**

**2005**

UNIRIO – UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE  
JANEIRO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
VANESSA PASSOS DA SILVA

**“UM TIGRE, DOIS TIGRES, TRÊS TIGRES”  
A PLURALIDADE DO AFETO**

Trabalho apresentado à  
disciplina monografia II, como  
requisito de avaliação orientado  
pela professora Sandra Albernaz  
de Medeiros

**Rio de Janeiro**

**2005**

**VANESSA PASSOS DA SILVA**

**“UM TIGRE, DOIS TIGRES, TRÊS TIGRES”  
A PLURALIDADE DO AFETO**

**Avaliado por:**

\_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Rio de Janeiro**

**2005**

DEDICATÓRIA

A DEUS PELA FORÇA.  
AOS MEUS PAIS E MINHA AVÓ  
PELO CARINHO.  
À MINHA IRMÃ PELAS PALAVRAS  
DE CONFIANÇA.  
À MINHA FILHA PELA ALEGRIA DE  
TÊ-LA.  
AO MEU COMPANHEIRO PELA  
AJUDA.

AGRADECIMENTOS

AO MEU ORIENTADOR PELOS  
INSTANTES DE CRESCIMENTO E  
DE TROCA.

À FAMÍLIA SÁ PEREIRA:  
PROFESSORES, AUXILIARES  
COORDENADORES, DIRETORES  
E ALUNOS QUE TANTO  
CONTRIBUIRAM PARA ESTA  
PESQUISA.

EM ESPECIAL AO MEU QUERIDO  
"TIGRE".



EPÍGRAFE

A VOCAÇÃO NASCE COM A GENTE, MISTERIOSAMENTE. ELA É O NOSSO CASO DE AMOR COM ALGO QUE SE FAZ. A DIFERENÇA ENTRE QUEM TRABALHA POR PROFISSAO E QUEM TRABALHA POR VOCAÇÃO: O PRIMEIRO TRABALHA PELO GANHO; O SEGUNDO SERIA CAPAZ DE PAGAR PARA PODER FAZER O SEU TRABALHO. TRABALHA COMO QUEM FAZ AMOR, COMO QUEM BRINCA.

RUBEM ALVES

## SUMÁRIO

CAPÍTULO I - Introdução.....	9
1.1 Referencial Teórico .....	12
1.2 O primeiro dia de aula .....	15
1.3 O encontro.....	17
CAPÍTULO II: A construção do vínculo: Uma conversa com Freud e Winnicott	
2.1 A constituição de psiquismo .....	19
2.2 Relação criança x família x escola – Winnicott.....	25
CAPÍTULO III : A história de um “Tigre” .....	30
3.1 Anamnese .....	38
3.2 Pensando no “Tigre” .....	39
CAPÍTULO IV Conclusões.....	42
BIBLIOGRAFIA.....	45

## CAPÍTULO I : INTRODUÇÃO

Vivemos numa época onde os indivíduos buscam uma nova interação social. De dentro de nossas casas, vemos o mundo pela tela dos computadores, da televisão, conversamos on-line com amigos distantes e fazemos novas amizades. Ganhamos o mundo com tanta tecnologia!

Diante do distanciamento do vizinho e da proximidade de alguém que nunca vimos, eu fico me perguntando: Onde ficam os abraços quando reencontramos os amigos? Onde ficam as trocas de olhares? De que forma teremos a oportunidade de sermos acolhidos com palavras de carinho por alguém que realmente nos conhece? Quem nos escuta? Com quem conversamos?

Cada vez menos nossas crianças tem a oportunidade de brincar em espaços que possam proporcionar uma confraternização e uma socialização com membros de idades diferentes, como as pracinhas e as brincadeiras na rua.

Mas ficar só questionando não basta. É preciso encontrar uma saída e aquecer as relações. E é por isso que penso na Educação, na criança que chora quando vai para a escola pela primeira vez e na outra que chega cheia de vontade para descobrir o novo. Penso nos pais aflitos, ansiosos e repletos de expectativas. Penso no empenho dos professores, coordenadores, diretores e de todos os funcionários que desafiam, que interagem e que agem, tornando o espaço escolar cheio de sabor, cor e com muito calor humano.

Em especial, penso numa instituição, na Escola Sá Pereira. Nosso

primeiro encontro foi em 1988 quando, na época, meu pai era motorista da escola e ganhou duas vagas para matricular minha irmã e eu. Esta escola me acolheu como aluna quando eu tinha nove anos, e a nosso vínculo vem sendo construído há quase 16 anos. Minha trajetória profissional está intimamente ligada aos encontros que tive neste espaço que foi, além de minha escola, o meu primeiro trabalho. Por causa deste forte vínculo que estabeleci com a Sá Pereira e com os inúmeros desafios que vivenciei profissionalmente neste espaço é que busco, através deste trabalho de pesquisa, analisar a importância dos vínculos estabelecidos no processo educativo e qual é a sua importância para alunos, pais e professores.

O intuito geral desta monografia é compartilhar idéias, desejos e conhecimentos, na busca da construção de uma escola mais humana e afetiva na qual me deparo todos os dias.

Lembro que a palavra afeto significa:

*“sm 1 Sentimento de afeição para alguém. 2 Amizade, simpatia. adj 1 afeiçoado, dedicado. 2 Ligado”.*  
(*Minidicionário da Língua Portuguesa, p. 14*)

É impossível pensar em afetividade sem nos remeter ao contato com o outro. Contato através do nosso toque, olhar e das nossas palavras que afetam o indivíduo e lhe abrem possibilidades para descobrir o mundo, mesmo que isto lhe provoque dor ou prazer. São os afetos que determinam o nosso comportamento e através deles podemos expressar nossas emoções.

Nossas expressões emocionais não podem ser compreendidas, se não pensarmos nos afetos que nos acompanham. Sentimos o mundo não só através dos cinco sentidos, sentimos o mundo também através dos nossos

sentimentos de amor, de vontade e de desejo. Diante de tudo isto busco entender a criança não só como ela se expressa cognitivamente, mas também nas suas emoções e nos seus afetos.

No capítulo I, buscarei discutir a constituição do psiquismo. As contribuições feitas por Freud, neste trabalho de pesquisa, nos levarão a entender um pouco mais sobre as experiências vividas pelo ser humano desde a infância e que são importantes para a formação do indivíduo. E buscarei também em Winnicott discutir da importância da família e da escola no processo de desenvolvimento da criança.

No capítulo III contado com detalhes o meu encontro com uma criança que é a geradora deste trabalho monográfico.

No capítulo IV será discutido o estudo de caso.

## 1.1 REFERENCIAL TEÓRICO

John Bowlby desenvolveu uma teoria sobre como são construídos os vínculos que ele chama de apego. Bowlby (Bee 1996 p.313) supõe que a raiz da personalidade humana está nos primeiros relacionamentos da infância. Para ele os apegos iniciais são um componente básico da natureza humana já presente desde o momento em que o bebê é concebido no ventre da mãe. Esses apegos irão influenciar a forma como as crianças irão explorar o mundo, mesmo estes apegos sendo seguros ou não. Os relacionamentos estabelecidos entre o bebê e os membros da família que cuidam dele tem um valor de sobrevivência.

Mary Ainsworth (Bee, 1996 p.313), em sua obra, define um vínculo afetivo como um elo normalmente durável em que o parceiro é importante como um indivíduo único e que não pode ser trocado por nenhum outro. Num vínculo afetivo, existe o desejo de estar próximo ao parceiro.

Assim podemos entender que o apego é uma variedade do vínculo emocional em que o senso de segurança de uma pessoa está estreitamente ligado ao relacionamento. Quando você está apegado, tem um sentimento especial de segurança e conforto na presença do outro, e pode ter nele uma base segura a partir da qual passa a explorar o resto do mundo.

Vygostky desenvolveu uma perspectiva sócio-histórica do desenvolvimento infantil atribuindo enorme importância ao papel da interação social no desenvolvimento humano. Para ele as propriedades intelectuais do ser humano não são apenas resultado da maturação do organismo. As características individuais (modo de agir, de pensar, de sentir, valores, conhecimentos, visão do mundo etc.) dependem da interação do ser humano

com o meio físico e social.

A relação do indivíduo com o mundo está sempre mediada pelo outro. Desde o nascimento, o bebê está em constante interação com os adultos que, além de assegurarem sua sobrevivência, medeiam a sua relação com o mundo. A mediação promove avanços naquilo que a criança é capaz de realizar com a ajuda dos outros.

O aprendizado é um aspecto necessário e fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas do ser humano. Assim, o desenvolvimento pleno do ser humano depende do aprendizado que realiza num determinado grupo social.

*"O aprendizado pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam"*  
(Vygotsky, 1984, p.99)

O desenvolvimento da criança é identificado por Vygotsky em dois níveis; o primeiro refere-se às conquistas que já estão consolidadas na criança, ou seja, aquilo que ela já é capaz de fazer sozinha. Este nível do desenvolvimento é chamado de *real*. O seguinte refere-se aquilo que a criança é capaz de fazer mediante a ajuda de outra pessoa, ou seja, a criança irá realizar uma tarefa ou resolver um problema através do diálogo, da colaboração, da imitação, da experiência compartilhada e das pistas que lhes são fornecidas. Este nível do desenvolvimento é chamado de *potencial*.

A distância entre o que a criança é capaz de fazer sozinha (nível de desenvolvimento real) e aquilo que ela realiza mediante a interação com os membros de seu grupo social (nível de desenvolvimento potencial) caracteriza

o que Vygotsky chamou de *Zona de Desenvolvimento Proximal*. Esta zona do desenvolvimento define as funções que ainda não amadureceram, que estão em processo de maturação.

Pensando na escola, os professores representantes da cultura e mediadores do contato do aluno com o mundo devem refletir sobre as intervenções pedagógicas e buscar garantir um vínculo de afeto a fim de oportunizar possíveis avanços na aprendizagem.

Para Freud são os determinantes psíquicos que levam alguém a ser "desejante de saber". A criança quando elabora perguntas sobre diferentes assuntos está buscando respostas para dois porquês fundamentais: de onde viemos e para onde vamos. É a "angústia da castração" que a leva querer saber mais sobre as coisas. Esta angústia é desenvolvida a partir das referências necessárias observadas pela criança que há uma diferença sexual anatômica entre meninos e meninas extraídos das relações com o pai e a mãe, ou seja, pela sua passagem pelo Complexo de Édipo.

A figura do professor é investida pela criança pela sua relação afetiva primitivamente dirigida a seus pais. Para Freud a relação entre professor e aluno não está no valor dos conteúdos cognitivos que transitam entre eles, mas sim, no campo que estabelece as condições para aprender os diferentes conteúdos. Esse campo recebe o nome de *transferência*. Desta forma o professor poderá compreender melhor o que se passa com o seu aluno durante o processo de ensino-aprendizagem. Busca compreendê-lo no que se refere aos aspectos sociais e emocionais, intervindo com maior sensibilidade.

## 1.2 PRIMEIRO DIA DE AULA

*É na acolhida ou na rejeição, na aliança ou na hostilidade para com o rosto do outro que se estabelecem as relações mais primárias do ser humano e se decidem as tendências de dominação ou cooperação.*

*Cuidar do outro é zelar para que esta dialogação, esta ação de diálogo eu-tu, seja libertadora, sinérgica, e construtora de aliança perene de paz e de amorização.*

*(Leonardo Boff – Saber cuidar)*

A Escola Sá Pereira tem a seguinte postura com relação à educação infantil: Há um respeito às singularidades de cada grupo e de cada criança, procurando aproveitar pedagogicamente, de forma integrada e criativa as situações do cotidiano. Favorecendo assim a construção do conhecimento através da ação, das descobertas das invenções e transformações feitas pela própria criança. A interação criança a criança e a intervenção pedagógica desafiadora e adequada são os alicerces dessa construção.

O trecho a seguir foi retirado do documento de matrícula da instituição e de uma circular sobre o valor da interação na escola em 2002.

*“As turmas da Educação Infantil foram organizadas de forma não seriada, de acordo com critérios relacionados ao desenvolvimento global das crianças. Acreditamos, que a convivência e a interação entre crianças de diferentes idades é uma experiência que ajuda em importantes conquistas, que valoriza a troca de experiências e estimula a aceitação das diferenças. As experiências culturais dos maiores impulsionam os menores a darem respostas que não realizam sozinhos. Por outro lado, os menores provocam conflitos e desafios significativos para o desenvolvimento da autonomia, dos valores*

*morais e éticos e para o desenvolvimento cognitivo dos maiores. Todos saem ganhando. O desenvolvimento da capacidade de se relacionar depende entre outras coisas, de oportunidades de interação com crianças da mesma idade ou de idades diferentes em situações diversas. Cabe ao professor promover atividades individuais ou em grupo, respeitando as diferenças e estimulando a troca entre as crianças”.*

Neste ambiente heterogêneo e plural, os professores buscam criar espaços propondo diversas situações onde a criança possa avançar e desenvolver-se de forma integral. Neste espaço acolhedor, que propicia a confiança e a auto-estima, os professores oferecem elementos afetivos e de linguagem para que a criança aprenda a conviver, buscando as soluções mais adequadas para as situações com as quais se defrontam diariamente.

Os desejos e as inquietações dos pequenos tornam vivos os planejamentos fazendo da aprendizagem um momento significativo tanto para elas quanto para os professores.

### 1.3 O ENCONTRO

É chegado o grande dia, tempo de viver o novo, momento que tanto assusta e que traz angústias. Momento que requer de todos os envolvidos um preparo e conhecimento. A criança quando chega a escola pela primeira vez, vem acompanhada de seus pais, responsáveis ou outros familiares que trazem consigo algumas expectativas em relação à professora e à instituição. Quanto menos idade e experiência de separação das figuras parentais a criança tenha, maior será o seu constrangimento e resistência em aceitar pessoas e ambientes que não lhe sejam familiares. É doloroso se separar.

Felizmente, na maioria das escolas atuais, pais, alunos e professores podem contar com um período que chamamos de "adaptação". Neste período a criança tem seus pais por perto ou alguém conhecido para que possa ter seu tempo de ir se interessando pela escola e assim, de forma respeitosa, conseguir ficar na companhia dos novos colegas sem a presença de seus responsáveis.

Para algumas crianças este processo é fácil e rápido, para outras há a necessidade de um tempo maior para que possam entender e serem entendidas naquele novo espaço.

Neste momento cada um tem seu papel para que a criança passe pelo processo de chegada à escola com tranquilidade a tudo de novo o que está acontecendo. Família e escola precisam estar atentas dando apoio aos pequenos que estão indo à escola pela primeira vez.

Na Sá Pereira este período de adaptação é preparado com cuidado respeitando sempre a individualidade e o tempo de cada criança e da sua

família. No período que antecede às aulas uma reunião é agendada com os pais novos. Nesta reunião há uma conversa sobre o funcionamento da escola, apresentam-se os professores e auxiliares das turmas, mostram-se os horários especiais de funcionamento da escola neste período e abre-se um espaço para que os pais possam tirar suas dúvidas.

Foi num desses períodos de adaptação que me deparei com uma situação diferente com um menino de 4 anos que me provocou muitas questões e reflexões sobre a importância da relação professor e aluno. Como não há uma receita, um modelo pronto que se possa “tirar da cartola” para lidar com o inesperado ou até mesmo com o inusitado, tive que arriscar e também ampliar a minha postura como professor pesquisador e ainda assim, o que fez a diferença foi a transparência da relação, o diálogo sincero com a criança e a sua família e a dedicação na construção de um vínculo afetivo. Tive que buscar diferentes estratégias para tentar uma aproximação com esta criança. A tarefa não foi fácil e me rendeu este trabalho de pesquisa.

## CAPÍTULO II

### A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO:

#### Uma conversa com Freud e Winnicott

##### 2.1 A CONSTITUIÇÃO DO PSIQUISMO

Quando a criança vem ao mundo a primeira sensação que experimenta é o toque. No primeiro instante de vida uterina, ela já sofre estímulos sensitivos provenientes do toque da mãe e do pai. Esses estímulos sensitivos serão de fundamental importância durante todo o processo de formação.

Freud em suas investigações descobriu que na vida infantil estão experiências que são extremamente importantes para a formação do indivíduo. Considerado um escândalo para a sua época, Freud constatou que a função sexual existe desde o princípio da vida e não só a partir da puberdade como acreditavam. É na busca pela sobrevivência que o bebê encontra o prazer em partes do próprio corpo que chamamos de *zonas erógenas*. Os deslocamentos pelas zonas são progressivos as quais Freud chama de fases do desenvolvimento sexual.

Na *fase oral* o prazer infantil está centrado na boca, nos lábios e mucosas internas. Nesta fase a criança necessita satisfazer a excitação de sua zona erógena e, isso só será possível se o bebê puder sugar a auréola do peito, o dedo, a chupeta ou o bico da mamadeira. Uma boa alimentação não irá garantir uma satisfação completa, muitas vezes, após a mamada o bebê poderá se mostrar ainda insatisfeito. O aleitamento materno é de extrema

importância para a vida do bebê pois, além de prevenir a mortalidade infantil protegendo a criança contra doenças, ele produz a sucção suficiente. Nesta fase há a predominância do narcisismo primário, ou seja, o centramento da criança está nela mesma, a criança apenas atende as suas necessidades sem ainda se dar conta da existência do outro. Gradativamente novas capacidades vão aparecendo, após a sucção e com o surgimento dos primeiros dentes a criança descobre que pode fazer algo mais com a boca como mastigar. A introdução de alimentos mais consistentes além de colocar a criança em contato com novos sabores irá satisfazê-la de uma forma diferente: aliviando a coceira dos dentes. Logo depois uma outra capacidade começa a se desenvolver, a coordenação muscular: pegar objetos, engatinhar e caminhar.

Na *fase anal*, a criança aprende a controlar os músculos esfinterianos, “que são conjunto de músculos radiais e concêntricos capazes de abrir e fechar alguns orifícios do corpo como o ânus, o da bexiga e a pupila dos olhos” (Daudt, 1992:45). A criança aprende a controlar a saída das fezes e da urina e tal processo é fonte de prazer. Nesta fase a criança é dona de todo o processo.

Ela também poderá capacitar-se a produzir em si mesma a sensação de excitação e descarga através da retenção fecal resultando às vezes numa encoprese. Ou seja, a criança retém as fezes por um longo período e a libera em pequenas quantidades na roupa provocando a distensão dos músculos retais, desencadeando o reflexo de evacuação e produzindo a contração.

No caso da urina, o prazer está no alívio do relaxamento das paredes da bexiga.

Nesta fase é muito importante que as pessoas que cuidam da criança respeitem o seu tempo, que não antecipem para ela modos culturais como o

uso dos sanitários, que façam essa transição de forma gradual. Francisco Daudt, psicanalista de base teórica freudiana, nos fala que a criança só será capaz de controlar os seus esfíncteres quando ela tiver tornado-se consciente deste processo, que poderá acontecer entre um ano e meio e três anos de idade.

Na fase fálica a criança se vê às voltas com a descoberta dos genitais, seja os seus, seja os das crianças do sexo oposto, o que lhe permite descobrir as diferenças entre os sexos. Neste momento, as crianças vão descobrindo o que é ser menino e ser menina. Dentro da sala de aula, podemos perceber, que as crianças nesta fase, começam a se organizar em pequenos grupos de meninas e de meninos, buscando afinidades e diferenças.

Freud, ao desenvolver a sua teoria, levou em consideração a sociedade em que estava inserido. Nesta época a mulher não conhecia o prazer, o homem era quem podia controlá-lo dispondo do prazer como bem entendesse afinal ele tinha o *falo* que significa o pênis, eram privilegiados por terem uma certa liberdade, independência. A mulher, por não ter conhecimento de sua vagina, apenas aceitava a sua condição de ter um falo menor, seu clitóris. Seu prazer se concentrava neste campo. Com o tempo, o prazer vaginal de penetração tornou-se um símbolo de maturidade feminina.

Nesta fase a criança apenas descobre o seu genital como fonte de prazer e não tem outras informações mais aprofundadas sobre ele como a existência do sêmem, do canal vaginal, do útero e de todo o processo para se gerar um bebê. É neste momento que Daudt faz uma crítica ao que Freud diz que a menina esperaria que seu pai lhe desse um bebê ou que ela se revoltaria com a mãe por não ter lhe dado um pênis. Ele questiona como seria possível

ni entã  
na  
falo

as meninas pensarem desta forma já que nesta época não se discutia o assunto. E ainda, o autor nos leva a trazer a idéia de castração para os dias de hoje. Naquela época o menino tinha todas as razões para ter horror de virar menina, afinal poderiam lhe tirar o símbolo que lhe dava poderes.

Buscando compreender ainda mais o aparelho psíquico, Freud conceituou três sistemas da personalidade: o *id*, o *ego* e o *superego*. Do *id* brotam as pulsões de vida e de morte. Ele é regido pelo prazer individual, não há preocupação com o outro. A partir do momento em que o bebê começa a perceber o seu corpo, diferenciando-o do outro, podemos introduzir o conceito de *ego*. Ele é o equilíbrio entre as exigências do prazer, os impulsos provocados pelo *id*, as exigências da realidade e as proibições do *superego*. O *superego* origina-se a partir da internalização das proibições, dos limites e da autoridade. A formação do *superego* se dá a partir da experiência que envolve <sup>nao sente - entao esse o complexo de Édipo</sup> muitos conflitos. o Complexo de Édipo. ? ↙

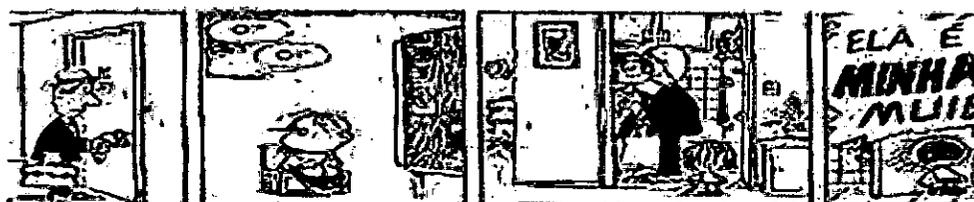
Durante a fase fálica, mais ou menos entre 3 e 6 anos, a criança disputa com o pai ou com a mãe a posse de <sup>do outro</sup> um membro do casal. Ou seja, o pai é a fonte de desejo da menina e a mãe é o seu maior obstáculo que a impede de ter acesso ao seu objeto de desejo, desta forma caracteriza-se o incesto, que socialmente falando é um tabu. A menina, neste período, procura ser como a mãe para poder ter o amor do pai, desta forma ela vai gradativamente internalizando as regras e normas de convivência impostas pela mãe que é o seu modelo. Mais tarde a menina demonstra o receio de perder o amor da mãe e desiste do pai. A partir daí a menina amplia sua participação e compreensão do mundo social, pois internalizou a proibição do incesto e, a partir deste processo, identificando-se com a mãe. Com os meninos o processo inverte-se ↙

o objeto de desejo: a mãe. O pai torna-se o objeto de identificação. O desejo sexual pela mãe é representado pela masturbação. Há ainda um outro diferencial que é o medo da castração. Segundo Freud, com medo de ser castigado pelo desejo de ter a mãe, os meninos temem perder o seu símbolo de poder, o falo, fonte de prazeres independentes que ele culturalmente aprende como sendo proibido.

Esse aprendizado é responsável pela formação do *superego*. É a "voz da consciência" que nos sinaliza o que devemos e não fazer. É nossa consciência moral, o que permite a ampliação da socialização infantil. O sentimento de culpa torna-se importante neste processo porque é através da proibição do incesto que a culpa adquire importância na vida psíquica e, o "sentimento do que é mau ou bom" é internalizado e ajuda a construir a "consciência moral".

*"O sentimento de culpa, (...) é uma forma especial de ansiedade associada à ambivalência, ou da coexistência de amor com ódio". (Winnicott, 1983:24)*

Assim como o superego, o sentimento de culpa origina-se durante Complexo de Édipo.





*“A criança vai ficando gradualmente apta a tolerar sensações de ansiedade a respeito dos elementos destrutivos nas experiências instintivas, conhecedora de que haverá oportunidades para reparação e reconstrução”.(Winnicott, 1999:124)*

Na *fase de latência*, a atividade sexual permanece “adormecida”, mas intensifica-se a socialização infantil, quando as crianças organizam-se em grupos do mesmo sexo – meninas junto com meninas e meninos junto com meninos - até a chegada da puberdade, quando finalmente se instala a última fase.

Neste momento, faço mais uma referência ao autor Francisco Daudt, ele nos leva a refletir sobre o que seria esta fase de latência que é como todas as outras fases influenciadas pela cultura. Será realmente que neste período as descobertas ficam adormecidas? Se pensarmos que antigamente as descobertas eram feitas na frente de todos sem o pudor imposto pelas pessoas talvez sim, porque nesta fase, já há a internalização de que a masturbação, que <sup>é</sup> descoberta pelo toque dos genitais não pode ser feita na frente de outras pessoas. Pensando desta forma podemos dizer que ao invés de adormecidas, as transgressões passam a ser escondidas e só mais tarde elas se tornam expressivas com o aparecimento da puberdade como na fase a seguir.

É na *fase genital* que o objeto de desejo e a erotização volta-se para o outro, constituindo o fim do narcisismo primário, dando lugar ao narcisismo secundário – a capacidade de amar um parceiro ~~o~~.

## 2.2. RELAÇÃO ENTRE A CRIANÇA, A FAMÍLIA E A ESCOLA - WINNICOTT

### A mãe suficientemente boa

Winnicott define a *mãe minimamente boa* como sendo aquela que é capaz de adaptar-se às necessidades da criança. Essa adaptação diminui gradativamente segundo a crescente capacidade do bebê para lidar com o fracasso dela. A *mãe suficientemente boa* não precisa ser necessariamente a própria mãe da criança, ela pode ser relativa a pessoas que irão cuidar exclusivamente da criança no lugar da mãe.

A mãe minimamente ou suficientemente boa comete erros e se irrita com as situações que possam vir a acontecer no trato com o seu bebê e é através dos erros da mãe que o bebê vai se humanizando e percebendo a realidade que está ao seu redor.

Segundo a Psicanálise, o bebê é onipotente, regido pelo id, pela pulsão do prazer e quer que seus desejos sejam atendidos de imediato. O tempo de espera para que a sua mãe possa atendê-lo gera frustração e, gradativamente ele vai aprendendo a esperar: o bebê começa a entender que a mãe irá atendê-lo. Desta forma, ele vai se fortalecendo, se organizando internamente para lidar com a realidade. Com a construção deste princípio da realidade o bebê vai se distinguindo da mãe, percebendo que ela não é a extensão do seu corpo, diferenciando o "eu" do "não-eu".

Essa diferenciação começa no desmame, quando a mãe gradativamente propicia ao filho a desilusão que o seu seio não faz parte do

Obs como  
você? agora  
obras do  
3  
Winnicott  
com notas  
diferenciação  
& internamente  
& comete  
que vai  
por o  
nome  
de autor  
em  
em  
da  
o ano  
de  
que  
le  
de  
profundo  
não  
vale  
as  
que  
atraso

corpo do bebê. O seio da mãe aqui, segundo Winnicott, é toda técnica da *maternagem* quanto ao próprio seio físico da mãe.

*"Não é impossível, para uma mãe, ser suficientemente boa (à minha maneira de expressá-lo) com uma mamadeira para a alimentação real". (Winnicott, 1975: 26)*

Se a *mãe suficientemente boa* torna esta maternagem tranqüila, o bebê começará a interagir com a realidade. Mas a aceitação desta realidade nunca é completa e o ser humano não está livre da tensão de relacionar a realidade interna e externa. E ainda, o simples fato de terminar com a alimentação no seio não constitui ~~ao~~ desmame. Para Winnicott, o alívio dessa tensão é proporcionado por uma área intermediária de experiência como as artes, a religião e o próprio brincar da criança. É no brincar que a criança também construirá o seu relacionamento com o mundo.

*"(...) as atividades lúdicas da criança pequena (...) ajudam-na a vencer seu medo dos perigos tanto interiores como exteriores, fazendo a imaginação comunicar-se com a realidade." (Melaine Klein. Citado por Arfouilloux em A Entrevista com a Criança)*

*mat. int.  
no  
supernatural*

### A capacidade de ficar só

Esta capacidade é um dos sinais mais importante do amadurecimento do desenvolvimento emocional. Observando os relacionamentos estabelecidos entre a criança e o meio, Winnicott caracterizou três tipos:

- **Diádicas ou bipessoais:** relacionamento entre duas pessoas. Elas existem e pertencem a estágios precoces na vida do indivíduo, sua relação inicial é entre a criança e a mãe ou a mãe substituta.

- **Triádicas ou tripessoais:** Relacionamento entre três pessoas. Aqui se faz referência ao Complexo de Édipo como um estágio no qual as relações triádicas dominam o campo da experiência. Não há como descrever o Complexo de Édipo como uma relação diádica, dessa forma fracassaremos. Há a necessidade da presença de uma terceira pessoa para que haja o processo de desejo em uma e o de identificação na outra.
- **Unipessoal ou individual:** um exemplo desta relação é o narcisismo de modo que, não podemos fazer um salto de uma relação diádica para unipessoal sem haver uma violação direta com as mães.

A capacidade de ficar só vai se constituindo a partir da relação diádica do bebê com a mãe, ou seja, a mãe está presente de alguma forma para o seu bebê seja fisicamente ou simbolicamente representada por um objeto como o carrinho ou o berço ou ainda, por uma atmosfera geral do ambiente próximo. Assim a base de ficar só é um paradoxo, ela só surge a partir da experiência do bebê ficar só na presença da mãe.

A mãe, ou algo que lembre a figura da mãe é de extrema importância para que o bebê possa descobrir a sua vida pessoal. É estando na presença dela que isso é possível. Com o passar do tempo, com o desenvolvimento emocional, a criança é capaz de dispensar a figura real da mãe ou a figura materna sendo ela "introjetada", construída dentro da personalidade do indivíduo.

## A escola

Com o passar dos dias, meses e alguns anos o bebê vai ganhando corpo e jeitinho de menino ou menina crescida. Os pais buscaram atender e se

adaptar às necessidades do seu bebê e, aos pouquinhos, de acordo com o ritmo do seu pequenino, em se tornar capaz de apreciar o encontro com o inesperado e o novo, foram se desadaptando. Os filhos passam a querer sair do que Winnicott chama de *cercado*. Cada família (pai e mãe) constrói o seu cercado a partir da relação estabelecida com os seus filhos. Como uma criança não é igual à outra, os filhos de um mesmo casal, emergem de cercados diferentes.

*“O cercado foi um desenvolvimento natural dos braços maternos que o envolveram quando era bebê”.(Winnicott, 1999:129)*

No começo, o pai e, principalmente as mães, protegem os seus filhos de tudo o que possa ser imprevisível e, para sair do cercado, a criança precisa ter estabelecido uma relação de confiança com a sua mãe para, a partir desta relação segura começar a experimentar o ambiente que a cerca.

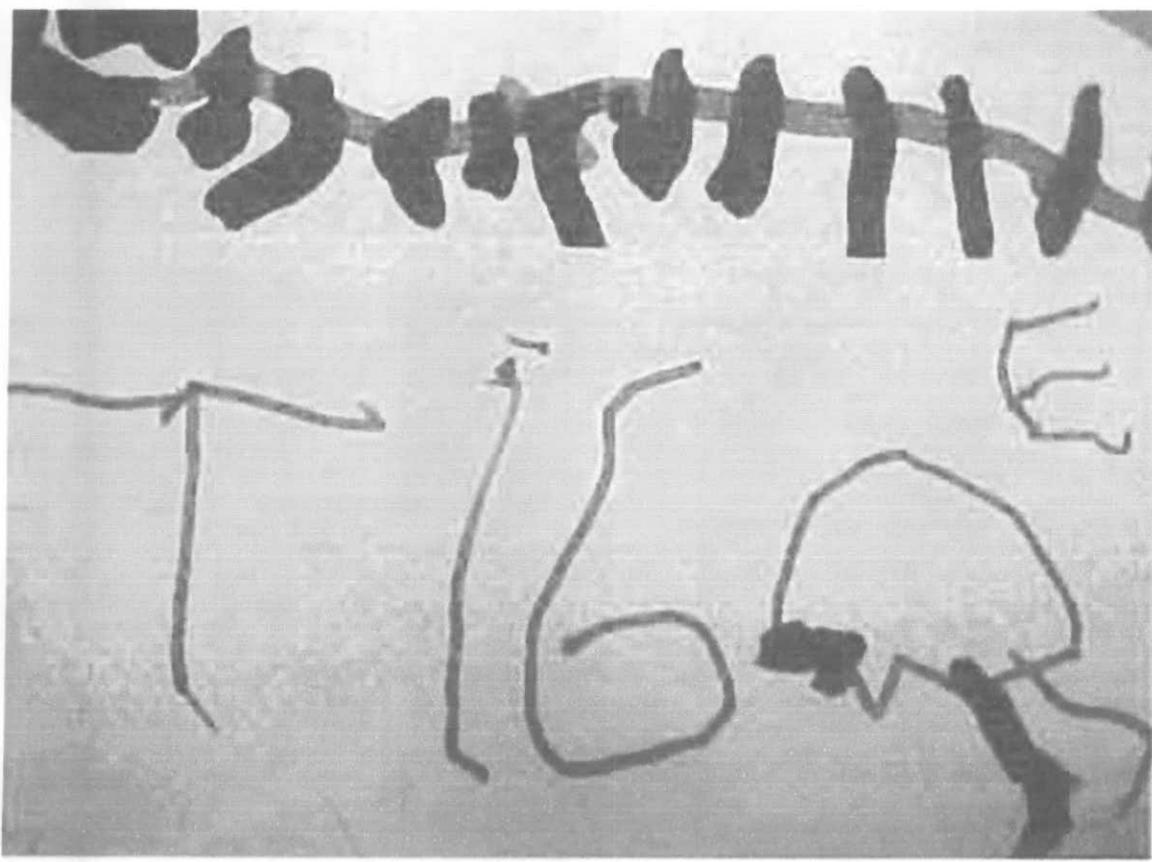
A escola, as pessoas e a sociedade preenchem este ambiente que se contrasta com o funcionamento do processo interno da criança. É neste momento que a presença da mãe se faz necessária proporcionando ao seu filho uma mediação com o mundo exterior. Desta forma, a criança será capaz de fazer suas deduções, de tirar suas conclusões e assim derrotar a imprevisibilidade.

*“Para bebês e crianças pequenas, o suprimento ambiental ou fornece uma oportunidade para que ocorra o processo interno de crescimento, ou então impede que tal aconteça”.  
(Winnicott, 1999: 148)*

A criança que conheceu a segurança no seu estágio inicial de vida passa agora a desafiá-la experimentando a sua livre expressão e sua ação impulsiva. Pais, familiares, professores e amigos passam a ser testados com frequência pela criança que busca reforçar a segurança materna e paterna que lhe foi disponibilizada. Os pais mostram-se presentes no sentido de estruturar a disciplina no ambiente, alimentando a expectativa que nunca irão lhe abandonar, as frustrações poderão acontecer porque elas são inevitáveis. Desta forma a criança irá crescer apropriando-se deste sentimento e com a responsabilidade que ela poderá fornecê-lo a outras crianças quando for adulto.

### CAPÍTULO III

#### A HISTÓRIA DE UM

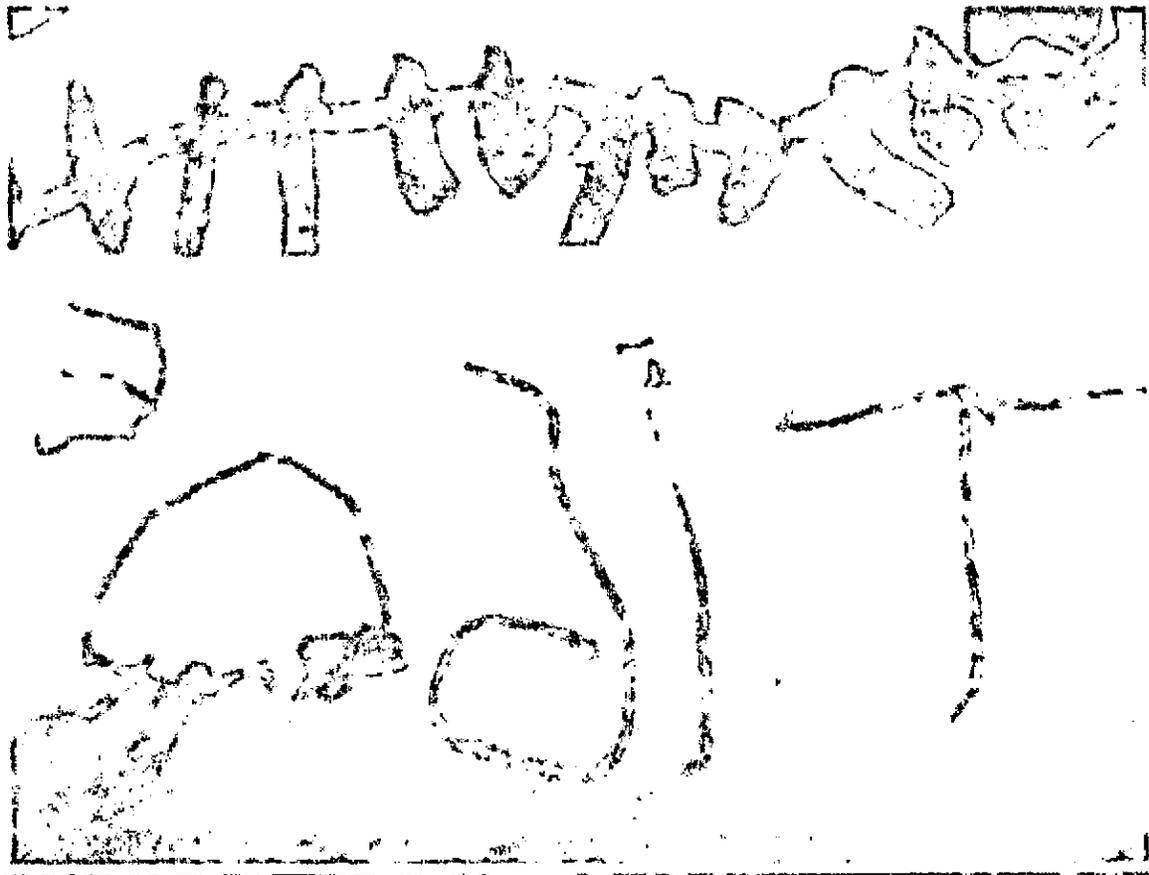


**“UM TIGRE, DOIS TIGRES , TRÊS TIGRES”**(trava-língua) Fale rápido sem errar, nesta brincadeira de criança, só ganha quem souber jogar. Mas brincadeira de criança também é coisa séria, tem que saber olhar. Ficar olhando só não adianta, o gostoso é poder brincar. E aqui fica o meu convite para quem quiser sonhar.

Esta é a história de um menino. Uma criança de 4 anos que foi meu aluno na escola onde trabalho atualmente. Com o intuito de preservá-lo e resguardá-lo seu nome será substituído por Tigre.

Dois mil e quatro foi o primeiro ano dele nesta escola. No início do ano

### CAPÍTULO III A HISTÓRIA DE UM



UM TIGRE DOIS TIGRES , TRÊS TIGRES (rev. -indian) L. A. ...

... esta bandeira de cores de ...

... de cores ...

... e gostoso e ...

... quem quer ...

Esta é a história de um menino Uma criança de ...

... na escola onde ...

... será substituído por Tigre

Dois mil e quatrocentos e primeiro ano da escola ...

letivo, chegou agarrado à sua mãe e evitou a todo custo integrar-se à sua nova turma. Só sentia-se à vontade estando sob os cuidados e os olhares dos seus responsáveis.

Encantou-se pelo canteiro das tartarugas e lá passava horas alimentando-as e observando-as. Neste período da adaptação, seu interesse ficava em torno dos objetos da escola. Sempre dizia "não" quando o convidávamos para brincar. De forma decidida, recusava-se a travar qualquer contato de maior proximidade com os seus professores.

Diante de todas as novidades proporcionadas pela nova escola, nosso Tigre mostrava um olhar solto, perdido, sem referência com relação aos adultos.

Pouco a pouco, ele foi descobrindo as crianças da escola. Desde as bem pequeninas até as maiores de sua turma que também iam visitar o canto das tartarugas.

O que era para ser um grande encontro, tornava-se para ele um momento de muito incômodo. Toda vez que alguma criança se aproximava dele, saía correndo demonstrando em sua carinha zangada uma grande insatisfação. Chegou até a utilizar-se de gestos bruscos como tapas, empurrões e mordidas para defender o seu novo espaço. Com choramingos e lamúrias recorria sempre aos seus responsáveis.

Pude contar muito com o apoio da minha parceira de trabalho Giovanna. Nesta escola, todas as turmas de Educação Infantil possuem auxiliares que ajudam em muito nesta tarefa da educação escolar.

Eu e Giovanna passamos a nos revezar com a intenção de darmos uma atenção mais individualizada para ele. Mesmo resistindo muito, Tigre passou a

nos notar e a travar pequenos e discretos diálogos conosco. Aproveitando esta sua disponibilidade, criamos algumas estratégias para que ele começasse a se inserir na sua nova turma.

Os primeiros encontros foram no pátio da escola. Chegava, observava a movimentação dos novos amigos, mexia num brinquedo ou outro e se retirava do espaço. Vale dizer que o seu tempo de permanência na escola neste período de adaptação era reduzido e seus responsáveis sempre estavam por perto. Com o passar dos dias fomos aumentando gradativamente este tempo.

Apesar de toda esta dificuldade para se inserir num grupo, as despedidas dos responsáveis eram sempre tranquilas. No momento certo conseguia dizer "tchau". O mais curioso é que os progenitores, mais precisamente a mãe, buscava recursos dos mais inusitados para justificar a sua saída da escola. Um dia ela disse ao filho que iria à manicure pintar as unhas e perguntou para ele qual a cor que ele gostaria que ela as pintasse. Retornou a escola para buscá-lo, com as unhas pintadas, da cor que o seu filho escolheu.

Acompanhando-o bem de pertinho, Tigre sentiu-se estimulado para brincar com os amigos. Foi aí, no contato mais próximo com as outras crianças que ele começou a demonstrar muita dificuldade em abrir mão dos seus desejos e vontades.

Fazia questão de pegar os brinquedos das mãos das crianças. Atrapalhava a brincadeira dos outros e implicava bastante. Usava toda a sua força física para conseguir que seus desejos fossem atendidos.

Diante de toda esta agressividade, ele nos dizia que era bravo como um tigre. E assim, ia afastando qualquer criança que tentasse se aproximar dele.

Foi então que, numa dessas situações de conflito resolvi arriscar. Aproximei-me e quando percebi que ele iria morder e bater em alguém, mais do que depressa avancei sobre ele e agarrei-o da mesma forma como ele fazia e disse: "Viu, eu também sou forte como você!"

Neste momento senti medo e tive muitas dúvidas. Eu não sabia o que poderia acontecer depois. Será que tive a atitude certa?

Diante desse momento inusitado em minha prática como educadora, continuei. Como se tivesse garras, ele usava suas unhas para me arranhar, com a boca aberta, procurava os meus braços para me morder e bem alto ele dizia: "Eu sou mais forte que você!"

Foi então que soltei-o e disse: "Se você é mais forte quero ver se consegue me pegar!" Corri por todo o pátio, dei muitas voltas pelos brinquedos e ele vinha atrás usando toda a sua energia e braveza para me pegar. A turma toda achou a maior graça e quis me pegar também. Correndo e já quase sem fôlego, disse a todos que ninguém poderia entrar nesta brincadeira e que, de longe, ficassem observando.

Corremos um bocado, o coração parecia que ia saltar pela boca. O suor escorria pelo rosto. Olhando-o de relance, percebi que a testa franzida e a cara zangada, aos pouquinhos foram dando lugar para um certo sorriso de menino travesso.

Exauridos, paramos a correria, nos olhamos e um forte abraço, agora sem mordidas e arranhões brindou o nosso encontro.

A escola adota o sistema de rodizio de salas e a hora do nosso pátio passou rápido. Era a hora do lanche.

Tigre fazia questão de lanchar sempre sozinho. Neste dia, após o que

havia ocorrido no pátio, resolvi entrar no jogo dele e comecei a provocá-lo também. Primeiro, fiz um convite para que ele tentasse lanche com os amigos e, como não poderia ser diferente, ele me disse "NÃO!". Tentei mais uma vez e ele escondeu o rosto. Falei do pátio, de como foi boa a nossa brincadeira, que eu ficaria ao lado dele lá também... Ele simplesmente saiu de perto. Respirei fundo e mudei o meu discurso. Provoquei-o dizendo que chegaria na sala primeiro que ele e que iria comer todo o seu lanche já que ele não estava querendo lanche. Depois de muito custo iniciamos uma nova corrida e assim consegui levá-lo para lanche com a sua turma pela primeira vez. Assim que chegamos na porta da sala, Tigre parou, olhou para o grupo lá dentro da sala, segurou na minha mão e disse: "'Peraí", agora vamos devagar!".

Vencendo o seu receio inicial de se inserir no grupo, ele atravessou toda a sala ao meu lado e fez questão de sentar-se na cadeira vermelha e de costas para a turma. Que conquista!

No dia seguinte, ele aceitou o nosso convite para ouvir uma história na biblioteca e ficou muito feliz ao encontrar um livro do seu felino preferido: o tigre. Tudo era motivo para falar sobre o felino. O nosso menino Tigre tinha um vasto conhecimento sobre eles. Percebemos que a partir desse momento ele começou a estabelecer um vínculo de maior confiança comigo e com a Giovanna. Também passou a significar os espaços da escola e as atividades que são realizadas em cada um deles.

Ao estabelecer um vínculo conosco, alternou dias em que chegava na escola com um belo sorriso no rosto, e outros, em que se escondia atrás de seus responsáveis, levando um tempo considerável para juntar-se ao grupo.



#### Fevereiro de 2004

Tigre não suporta ser frustrado ou contrariado pelos adultos e pelos amigos, reage sempre de forma agressiva. Quando insistimos numa conversa, chora e muito zangado senta-se no chão e repete: "Isto não é justo!"

Toda esta agressividade para se relacionar com os outros foi ficando menos freqüente e, após dois meses de convivência, conseguimos vê-lo em importantes momentos de confraternização. Aliás, Tigre foi se revelando ser um menino meigo e carinhoso.

Começou a se interessar pelas atividades oferecidas na sala de artes e o planejamento do dia que fazemos no início da tarde no quadro. Ele passou a dividir as suas idéias comigo e com a Giovanna e a nos contar os seus "causos". Foi através dessa sua disponibilidade e interesse que começamos a fazer valer algumas regras de convivência como: sentar-se na roda e esperar a

sua vez de falar.

T. "Vanessa, só um minuto, quero falar uma coisa". Ele nos aborda de pé, fora da sala e com o dedinho levantado.

V. "Que bom Tigre, só que você vai ter que se sentar aqui na roda. Sai da varanda e vem se juntar aos amigos!"

Mesmo ainda com a mochila nas costas, ele se aproxima, os amigos dão um espaçinho para ele se sentar e assim Tigre disserta sobre assuntos variados.

Constrói longas frases, porém, em alguns momentos expressa-se como uma criança bem pequenina.



**Abril de 2004**

Foi pouco a pouco entrando em contato com os materiais oferecidos na sala de artes. Em seus desenhos utiliza-se apenas das cores vermelha e preta (cores das listras do tigre). Segura os lápis e os pincéis sem muita firmeza e

traça linhas que quase não aparecem no papel. Frustra-se com muita facilidade com a sua produção e investe pouco tempo para realizá-la.

O vínculo que ele estabeleceu comigo e com a Giovanna foi de extrema importância para que ele, a partir do nosso afeto, pudesse sentir-se encorajado para seguir adiante nos desafios escolares.

Durante todo este ano pudemos perceber o quanto de conquista ele fez nas diferentes áreas do conhecimento e em sua interação com os amigos e funcionários da escola. Após o período de adaptação, com os fortes vínculos construídos podemos vê-lo mais feliz e seguro para enfrentar os desafios que são proporcionados pela rotina escolar. Ah! Quanto ao tigre, o personagem que o encantava, não precisou mais dele!



Junho de 2004

### 3.1 ANAMNESE

Um menino nascido no segundo semestre de 1999. Filho único, mora com os pais num apartamento onde possui o seu próprio quarto.

Nasceu no prazo previsto, num parto de cesariana. Foi amamentado até os seis meses exclusivamente e depois até os dois anos e meio. A amamentação foi interrompida aos oito meses por 10 dias. Engatinhou aos oito meses e andou com um ano.

Com um ano e meio teve uma crise de bronquite e a mãe parou de trabalhar para cuidar dele. Durante esta crise demonstrou um comportamento regredido, segundo sua mãe, o que coincidiu com a época em que ela viajou para uma temporada de teatro.

Seus pais contam com a ajuda de uma babá para cuidar dele já que ambos trabalham.

Demonstra alguns medos como: escuro, de cair na privada, de coruja, de ir ao teatro. Lugares fechados o deixa apavorado.

Em janeiro de 2004 começou a usar o banheiro para evacuar. Antigamente só conseguia atender as suas necessidades fisiológicas utilizando a fralda.

Freqüenta o play do prédio para brincar com crianças de idades próximas a dele. Procura os pais quando faz algo errado, querendo uma justificativa externa para o que fez.

Quando era menor batia muito com a cabeça no chão sempre que era contrariado. Passou a bater nos outros deixando de se bater.

Freqüenta escola desde os dois anos. Iniciou sua vida escolar numa creche particular. Os pais dizem que ele nunca gostou da escola e que demonstrava muita dificuldade para se inserir naquele espaço.

### 3.2. PENSANDO NO TIGRE

Lendo a anamnese do Tigre, podemos levantar algumas hipóteses sobre a sua possessão com o seu felino preferido. Lá pelos oito meses, a mãe teve que se ausentar por um período de dez dias. A criança ainda mamava no seio da mãe quando ela teve que interromper a sua maternagem. Com um ano e meio teve uma crise de bronquite e sua mãe parou de trabalhar para cuidar exclusivamente dele. O pequeno Tigre apresentou um comportamento regredido o que coincidiu com mais uma temporada de viagem da figura materna, vale ressaltar que a mãe é atriz e trabalha com teatro. Para compensar as suas ausências, a mãe lhe deu de mamar até os dois anos e meio. Com as idas e vindas da mãe, o bebê teve de uma forma ou de outra, até os oitos meses, seus direitos sobre o seu objeto, sua mãe. Com as suas freqüentes ausências, tornou-se inseguro, por isso a sua regressão e, talvez com esta atitude tentasse recuperar algo que estava perdido ou garantir novamente o que já havia conquistado.

O bebê Tigre talvez não tivesse tido a oportunidade de reconhecer a mãe como "não-eu", já que a figura materna, a imagem com a qual experimentava uma diferenciação, se ausentava. E ainda "para compensar" esta falta, ou para suprir a necessidade primitiva da criança, a mãe o amamentou até os dois anos e meio. Talvez o desmame não tivesse terminado e ele buscava através do felino tigre, que aqui não é representado por um brinquedo e sim por uma idéia do que é o tigre, a sua diferenciação do "não-eu", visto que ele trazia para a escola várias representações deste tigre em livros, desenhos, fantasia e alguns bonecos.

O medo do novo e da imprevisibilidade estavam expressas nas pequenas atitudes do Tigre. Isso nos leva a pensar na "capacidade de ficar só" definida por Winnicott. O aspecto emocional do Tigre não havia ainda introjetado a figura materna. É como se a mãe não tivesse preenchido algo de extrema importância em seu filho. As idas e vindas a trabalho e o desmame feito de forma irregular, talvez tivessem contribuído para essa falta. Com isso o princípio da realidade não estava bem definido. Esse processo começa na fase ainda bebê, gerando a frustração e o prazer, ou seja, fazendo o bebê Tigre esperar quando necessário e atendê-lo de forma a saciar suas necessidades.

Desta forma o faria mergulhar no universo linguístico, fortalecendo-o e organizando-o internamente, tornando-o cada vez mais apto para lidar com a realidade.

Tentando suprir a sua primeira ausência, talvez a mãe, o tivesse sufocado e a bronquite com um ano e meio foi o primeiro sinal psicossomático de que algo não estava bem e que ele precisava respirar.

Quando a criança começa a fazer uma diferenciação entre o "eu" e o "não-eu", os medos, que são de natureza primitiva, começam a dominar as atitudes da criança. A criança fica assustada com seus próprios impulsos agressivos ou destrutivos que se manifestam através de gritos e desejos de morder. O papel da mãe neste momento é de extrema importância para a criança que necessita de sua compreensão. A mãe é desafiada a reagir dando limites ao comportamento impulsivo do filho. *A mãe suficientemente boa* assim como o pai, buscam através do convívio com o seu filho, humanizar estes impulsos agressivos.

Os pais do Tigre encontravam muita dificuldade para dar limites ao seu filho. Nos encontros que tivemos na escola pude perceber que era mais fácil para eles embarcarem na fantasia e nos desejos do Tigre, ou seja dizer sim para tudo, ao invés de sinalizarem para ele o que pode e o que não pode. Desta forma evitavam também, que as outras pessoas pudessem presenciar algumas cenas constrangedoras como por exemplo: os impulsos de morder os outros, os gritos e o choramingos. Talvez estas mordidas fossem ainda um sintoma da fase oral. Um meio de contato com o outro, já que se expressava de forma infantilizada e em alguns momentos não conseguíamos compreendê-lo.

Neste momento penso nos "cercados" definidos por Winnicott. Cada família cria um cercado para cada filho. As crianças emergem dos cercados a medida que se sentem seguros para experimentar o encontro. O nosso menino Tigre, demonstrou através de suas atitudes o quanto era difícil para ele ir ao encontro do outro, experimentar o novo e deixar que outras pessoas se aproximassem dele. Os encontros eram sofridos para ele que recorria sempre aos seus responsáveis para se sentir seguro.

Era preciso romper uma barreira criada, inconscientemente, pela própria mãe que ao mesmo tempo demonstrava querer que seu filho se adaptasse à

nova escola e de longe diante das situações de conflito provocadas pelo Tigre com os colegas e professores, mostrava-se insegura e fragilizada. Também tive que dar atenção para ela, acalmando-a e dizendo que o processo de adaptação não é igual para todas as crianças. Sinalizei que, algumas se adaptam com mais facilidade e outras, precisam de mais tempo para se sentirem seguras no novo ambiente escolar.

A escola tornou-se um grande desafio para ele. Seus desejos e suas vontades não puderam ser atendidas todas de imediato, o Tigre esbarrava nos desejos e nas vontades dos colegas e nas restrições as suas ações que podiam machucá-lo ou machucar os outros. O "não", dados por pessoas com as quais ele acabava de conhecer era muito assustador. Mas dar limites não é sempre dizer "não" para tudo o que se faça. "A base do 'não' é 'sim' (...) e confere uma base sólida para a vida do bebê no mundo" (Winnicott:1999;46) Passamos com esse "não" mostrar-lhe outras alternativas, abrindo-lhe novas janelas para que pudesse ver e entender a realidade escolar e assim, gradativamente, nosso menino foi se apropriando das regras básicas de convivência e iniciando de forma sólida o processo de socialização.

Foi neste momento que pude perceber que o vínculo que estávamos estabelecendo com ele ficava cada vez mais fortalecido. Percebi que ele passou a se sentir mais seguro estando também ao meu lado nos momentos de maior impasse. Com mais frequência, passou a solicitar a minha ajuda nos momentos em que sentia medo, quando estava diante de uma situação de conflito com os colegas, quando estava feliz e quando fazia uma conquista.

A interação com os adultos da escola e com os colegas de diferentes idades da sua turma, foram de extrema importância para que ele pudesse fazer avanços significativos em seu processo de ensino-aprendizagem. Foi estimulado a levantar hipóteses e a dar respostas sobre os conteúdos relacionados às áreas do conhecimento, passou a experimentar de forma mais espontânea os materiais oferecidos na sala de artes visuais e um tanto de outras conquistas foram feitas na área social e afetiva.

## CAPÍTULO IV

### CONCLUSÃO

Espero ter conseguido explicitar a importância do vínculo afetivo dentro do espaço escolar. Para mim, foi uma conquista ter conseguido me aproximar do Tigre e fazê-lo integrar-se ao grupo. A cada encontro com os amigos, a cada expressão de sorriso em seu rosto, a cada momento de brincadeira e a cada "sim" que ouvíamos dele, eram sinais de que aquele vínculo afetivo e seguro havia de alguma forma proporcionado a ele descobrir-se como parte integrante de um novo grupo..

Senti nesta experiência vivenciada dentro da escola que o menino Tigre havia transferido para mim as experiências vividas primitivamente com os seus pais e que a partir deste campo que se estabeleceu entre nós, tive a oportunidade de conhecê-lo melhor e, assim, buscar diferentes estratégias que pudessem proporcionar a sua adaptação à nova escola e a sua socialização com os novos amigos.

Segundo as contribuições da Psicanálise, a questão fundamental da Educação é encontrar um equilíbrio entre o que "se pode e o que não se pode fazer" entre o que é "permitido e o que é proibido". Só assim, aprendendo a controlar os nossos impulsos é que poderemos obter uma liberdade que nos levará a alçar vôos cada vez mais altos. Isso pôde ser percebido no dia a dia com o Tigre, ele aprendeu a controlar ( e ainda está aprendendo) os seus impulsos, amadurecendo de forma significativa o seu aspecto emocional que tanto o impedia de ir ao encontro do outro e do novo.

Como foi ressaltado na introdução, a transparência, o respeito ao tempo individual da criança, a mediação necessária e a construção do vínculo fizeram a diferença para que pudéssemos caminhar de forma positiva. O processo não foi linear, os avanços e os retrocessos, os erros e os acertos também foram importantes.

Não posso deixar de ressaltar, o quanto foi importante, ter me aproximado dos pais do Tigre, disponibilizando também para eles o meu "colo" e a minha atenção. Ao mesmo tempo tive que ser firme, sinalizando para a família os avanços e os retrocessos do nosso menino, as estratégias, os erros e os

acertos e assim, construir uma parceria significativa que pudesse atender a real necessidade do Tigre.

No final do ano letivo, fiz junto a família uma avaliação de como foi o processo dele na escola e escutei a seguinte frase da mãe do Tigre: "*Você me ajudou a entender meu filho e a aceitar o que ele pode me dar sem criar uma expectativa(...) comparando-o com os outros (...) Ninguém é igual a ninguém !*"

Aí está o valor da educação! Educar não é uma tarefa fácil tanto para os pais quanto para nós professores. Educar exige dedicação, comprometimento e generosidade. Educar exige alegria, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. Educar exige pesquisa e reflexão crítica sobre a prática. Educar exige diálogo!

Durante todo este processo pelo qual passei com o meu aluno, tive total consciência no cumprimento ético do meu dever de professor. A escola não se resume à transmissão de conteúdos e sim um espaço de socialização, de aprendizagem de valores, de transformação, de novas perspectivas e de preparação para lidar com o que o mundo e a vida propõem e irão propor para as crianças. O processo de ensino-aprendizagem não pode ser visto isoladamente, os seres humanos se constituem como um todo no qual a cognição, os afetos e as emoções não se encontram separados.

Uma vez recebi um cartão dos pais da turma de Educação Infantil no ano de 1999, que dizia o seguinte:

*"A função da arte/1*

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovaddoff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul.*

*Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas esperando.*

*Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente dos seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgar, que o menino ficou mudo da beleza.*

*E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:*

*- Me ajuda a olhar!" (Livro dos Abraços de Eduardo Galeano)*

Este era um cartão de agradecimento. Gentilmente os pais agradeciam por eu ajudar as crianças a olharem o mundo. Hoje percebo que esta "via é de mão dupla". Nós professores, também precisamos que as crianças nos ajudem a olhar suas coisas para desta forma poder entendê-las.

O menino Tigre foi só um exemplo desta forma de olhar o aluno. Eu, creio ter conseguido fazer com que ele percebesse e interagisse com a realidade que estava ali ao seu redor e ele por sua vez, me provocou questões e inquietações, para que pudesse entendê-lo e assim a ampliar a minha consciência sobre a riqueza do trabalho com crianças de Educação Infantil.

*"É tão bonito quando a gente sente que a gente é tanta  
gente onde quer que a gente vá.  
É tão bonito quando a gente sente que não está  
sozinho, por mais que se pense estar".  
Gonzaguinha*

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem. Conversas sobre educação. Campinas, SP: Verus Editora, 2003.
- BEE, Helen. A criança em desenvolvimento. 7ªed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lurdes Trassi. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 13ªed. rev. amp. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BOFF, Leonardo. Saber Cuidar – a ética do ser humano: a compaixão pela terra. 5ªed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FREIRE, Madalena. Adaptação: pais, educadores e crianças enfrentando mudanças. São Paulo: PND produções gráficas, 1999.
- FREITAS, Maria Teresa. O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil. São Paulo: Papirus, 1994. p.94-102.
- KUPFER, Maria Cristina. Freud e a educação, o mestre do impossível. 3ªed. São Paulo: Scipione, 2004.
- MEDEIROS, Sandra Albernaz de. Fundamentos da educação 2. v.2. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2004. p. 91-159.
- MELHORAMENTOS. Minidicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1992.
- REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação. 13ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- SOUZA, Regina Célia; BORGES, Maria Fernanda (Org). A práxis na formação de educadores infantis. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.
- VEIGA, Francisco Daudt da. A Criação segundo Freud, o que queremos para os nossos filhos? 2ªed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p.85-103.

WINNICOTT, Clare; BOLLAS, Christopher; DAVIS, Madaleine; SHEPHER, Ray ( Org.). Conversando com os pais: D. W. Winnicott. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de maturação, estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. 2ªed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.



UNI-RIO

Universidade do Rio de Janeiro

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II**

ALUNO(A) : \_\_\_\_\_

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

ORIENTADOR : \_\_\_\_\_

**FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL**

Primeiro avaliador : Professor convidado

Professor: Ma Angela

Nota : 10,0 ( Dez )

Considerações Finais:

*Excelente trabalho. Além da abordagem do tema ser muito pertinente, a maneira como desenvolveu o conteúdo, o referencial teórico e a facilidade com que a aluna transmite sua compreensão sobre os assuntos escolhidos merecem destaque.*

*Ma Angela M. Costa  
Rio 03/03/2005*

Segundo avaliador :

Professor orientador

Professor : Sandra

Nota: 10,0 (dez)

Considerações Finais:

A monografia da Vanessa me deu enorme satisfação em acompanhá-la e, mais ainda, em ver seu resultado final. Cuidadosa, atenta, reflexiva, monografia e autora se confundem também em sua delicadeza e cuidado (no sentido que da Boff) para com a mania, especialmente o tique.

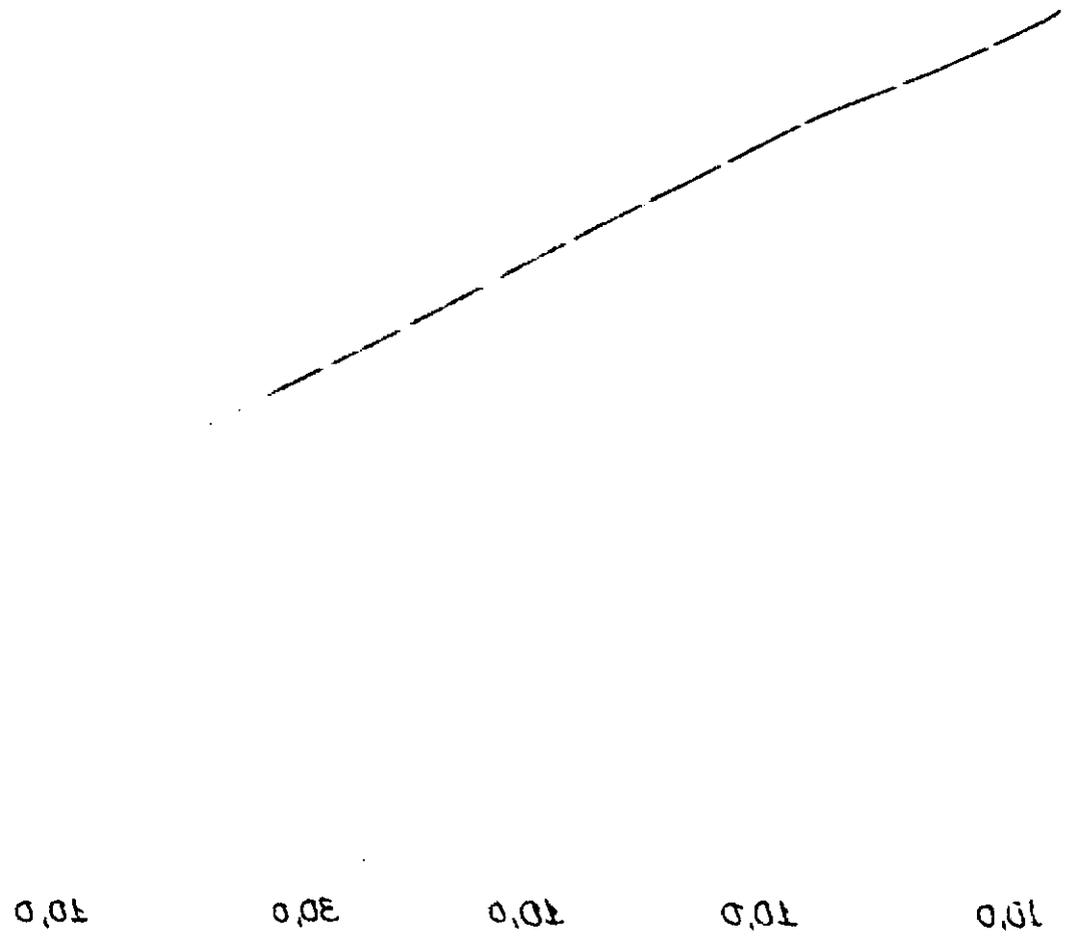
Parabéns,

André Ardito



lipid content. Cobble  
10.0

© Cobble content as percentage of total dry weight.



10.0